

CARDOSO, Pe. Jorge; SOUSA, D. António Caetano de – *Agiológio Lusitano*. Organização, estudo e índices de Maria de Lurdes Correia Fernandes. Porto: Faculdade de Letras, 2002. 5 vols.

Obra de referência para a época e fonte documental de enorme valia para a história religiosa, e não só, o *Agiológio Lusitano dos sanctos e varões ilustres de Portugal e suas conquistas*, do Pe. Jorge Cardoso (1606-1669), bem aguardava uma reedição, pois se tornara um espécime bibliográfico muito raro no mercado livreiro. Meteu-lhe ombros a Prof.<sup>a</sup> Maria de Lurdes Correia Fernandes, tendo a Faculdade de Letras do Porto arrostado com o custo da sua publicação. Dos quatro nutridos tomos que o constituem, saídos em 1652, 1657, 1666 e 1714, os três primeiros eram pertença do erudito clérigo lisbonense que lhe abraça a autoria e o quarto se deve ao labor do religioso teatino D. António Caetano de Sousa que se abalançou a continuá-lo sem, no entanto, lograr pôr-lhe termo. O Pe. Cardoso deixou a obra em pouco mais de meio e o seu continuador trouxe-a até final de Outubro, já que a sua estrutura segue a divisão dos meses do ano. A presente impressão consta ainda de um quinto volume, abarcando um estudo bibliográfico e índices: onomástico e toponímico; de festas de santos, dedicações, sagrações, vigílias e oitavas, de instituições e casas religiosas; de imagens, milagres e relíquias; de autores e obras citadas.

Nunca será demasiado sublinhar a beneditina meticulosidade e o rigor científico postos pela Prof.<sup>a</sup> Correia Fernandes na reedição deste precioso instrumento de cultura e trabalho quer para o simples leitor como para o investigador, através daqueles exaustivos índices, indispensáveis para se encontrarem diversíssimas informações e de servirem de guia-luz nesta surpreendente mina de dados. Valiosíssimo é o estudo da organizadora e catedrática da Universidade do Porto, um dos maiores especialistas da História Religiosa de Portugal, modelo acabado de crítica erudita no levantar de problemas, dilucidar de questões e carrear achegas acerca da génese, natureza e finalidade deste monumento da cultura lusa, em seu género e época, pelo que revela da memória sacralizada lusa, derramada e testemunhada na metrópole e além-mar – africano, asiático e americano –, e do seu peso dentro do contexto ibérico, como também pelas inúmeras informações fornecidas acerca de um património histórico – arqueológico e simbólico – devocional, de conventos a templos, de imagens a relíquias.

Para quem conhece a intervenção do Concílio de Trento sobre a *memória* dos santos, assim como o escrupuloso crivo dos Bolandistas aplicado às tradições orais e manuscritas hagiográficas que acabaram por ser transcritas em impressos, surpreende – e o reparo, embora justificável se justifica – como o Pe. Jorge Cardoso deu acolhimento em seu repositório a tão saturante credulidade. Para o historiador das mentalidades, no entanto, ainda bem ter dessa forma procedido, pois do resultado do cruzamento do hagiográfico edificante com o factual histórico poderá ver-se como e por que se fazia esta metamorfose. De resto, compreende-se a elaboração de um *martiriológio*, na linha diacrónica do calendário litúrgico e escudado na *lectio brevis* do ofício canónico das horas corais. Tratava-se, na verdade, de proporcionar aos religiosos, frades e monjas, aos clérigos e até aos fiéis uma leitura diária piedosa que, lembrava o Pe. Cardoso, «nem os cultos enfastie por mui humilde, nem aos vulgares desagrade por pouco intelligível». Ao mesmo tempo, os pregadores encontrariam, nestas narratividades exemplares, assunto abundante para esquemas e desenvolvimentos panegíricos, doutrinários e morais. Por outro lado, arrancava-se do olvido a memória de muitos santos portugueses – alargada que fosse a tipologia a beatos, veneráveis, homens e

mulheres, ricos e pobres, e até a crianças aureoladas de odor de virtude extraordinária –, trazendo-os de novo ao culto. Saía, por este meio, a honra pátria engrandecida, via-se a cultura crescer e a religião ir em aumento por tão variadas devoções. Esta estratégia apologética contrapunha-se à atracção profana das novelas de cavalaria, oferecendo-se em troca o edificante heroísmo da santidade, capaz de ocupar o imaginário pietista dos crentes seduzidos pela maior glória de Deus e preocupados com o fim último da salvação da alma.

Apercebendo-se da penúria de registos escritos sobre tanta gente virtuosa, mergulhada no esquecimento e sem a merecida notoriedade – e o Autor não desconhecia o que a tal respeito fora estampado, sobretudo, nas crónicas das ordens religiosas entretanto publicadas –, o Pe. Jorge Cardoso vestiu a indumentária do investigador incansável na busca de fontes orais e escritas; de informações que solicitava a correspondentes de dentro e fora do país; de recolhas directas em arquivos eclesiásticos e cartórios cíveis. Em anos de árduo labor, redigiu uma obra monumental, com inúmeros veios para a história da cultura em sua lata dimensão. Pena foi que a deixasse inacabada. Só haverá, pois, que nos congratulemos com esta oportuna reedição, lançada, em oferta a roçar o mecenatismo, pelo conselho executivo da Faculdade de Letras do Porto, e oferecida ao público numa escorreita apresentação gráfica e reprodução facsimilada do texto.

João Francisco Marques

PALOMO, Federico – *Fazer dos campos escolas excelentes: os Jesuítas de Évora e as missões do interior em Portugal (1551-1630)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2003. 494 p.

Fenómeno singular da pastoral católica, oriunda da época tridentina, foi a resposta ao desafio de um novo esforço evangelizador, de que a cristandade necessitava, ao lançar as missões populares ou do interior. Os resultados, historicamente comprovados, dão eloquente testemunho do seu êxito. Em Portugal, os campos eram considerados quais outras Áfricas em matéria de ignorância religiosa. O plano de acção e seu eficaz desenvolvimento irrompem e convergem entre nós com a entrada e radicação da Companhia de Jesus sob os auspícios da Coroa, acabando por ser, e justo será reconhecê-lo, um dos instrumentos mais originais de intervenção sócio-religiosa ao transmitir um modelo de vida e de espiritualidade, sem que o alerta de assegurar a perseverança jamais deixasse de pressionar. O cronista da ordem inaciana P. António Franco (1662-1732) e o historiador P. Francisco Rodrigues (1873-1956) concederam ao fenómeno espaço pioneiro, e este último reservou tratamento algo sistematizado a pedir continuidade, bem como retoma crítica e análise contextual. Neste sentido, os trabalhos do Prof. Eugénio dos Santos merecem, a vários títulos, assinalável referência. O caminho encontrava-se, pois, aberto e mostrava-se aliciante ao investigador da história religiosa.

Decidiu Federico Palomo aproveitar o filão e escolher a metáfora *Fez dos Campos Escolas Excelentes* para título do seu assaz denso e original estudo. Suporte de sua prova de doutoramento, oferece-o agora ao público português, seu mais directo interessado. Da fundação da Companhia de Jesus à sua entrada em Portugal, escasso tempo mediu. O acolhimento da corte e a protecção do Cardeal D. Henrique muito contribuíram para que solidamente se radicasse. Rendeu-se-lhe o povo vergado ao zelo que lhe via. No coração do Alentejo, a